

A teologia do Domingo – memória pascal semanal: aspectos de teologia do ano litúrgico

The theology of Sunday –
Weekly Paschal memory: theological
aspects of liturgical year

*Vanderson de Sousa Silva**

Resumo: O presente texto busca perquirir a temática do Domingo em seus aspectos bíblico-teológico, histórico e patrístico. A *Sacrosanctum Concilium* menciona que o Domingo é o principal dia de festa (SC 106). No Domingo, instaura-se o momento privilegiado do encontro das comunidades reunidas em assembleia com o Senhor ressuscitado. É o dia da festa semanal dos cristãos para perpetuar a sua memória, fazem a experiência pascal da alegre esperança da sua nova vinda. O objetivo é buscar o sentido teológico do Domingo para recuperá-lo como dia da Páscoa, de repouso do homem e a centralidade do culto que deve ser prestado à Deus neste dia.

Palavras-chave: Shabbat; Domingo; Páscoa; Festa.

Abstract: This text seeks to assert the theme of Sunday in its biblical-theological, patristic and historical aspects. *Sacrosanctum Concilium* mentions that Sunday is the main day of celebration (SC 106). On Sunday, establishes itself the privileged moment of encounter communities gathered at a meeting with the Risen Lord. It is the day of the weekly party of Christians to perpetuate his memory, make the

* Mestre em Teologia pela PUC-Rio.

Easter experience of joyful hope of his coming. The goal is to seek the theological meaning of Sunday to recover it as Easter day, rest of the man and the centrality of worship that should be given to God on this day.

Keywords: Shabbat; Sunday; Easter; Feast.

Introdução

Em seu sentido litúrgico,
o dia do Senhor diz respeito à festa hebdomadária
em que os judeus (7º dia) e os cristãos (8º dia)
se reúnem para o descanso e o culto.
Sua significação teológica é sugerida
pela revelação do antigo Israel no dia de Javé
em que o Senhor proporcionará a paz
e vitória de Israel sobre todos os povos.¹

A liturgia cristã encontra suas raízes no culto judaico, sem o qual o cristianismo não alcançaria a formulação cultural própria. A origem do culto judaico cristão é assinalada pelos estudiosos das relações entre judaísmo e cristianismo. Para estes, o estudo da estrutura e dos temas da liturgia cristã deve ser buscada no confronto com a liturgia judaica. Para melhor traçar um desenvolvimento histórico da liturgia cristã, mesmo a teologia do Domingo, deve ser pesquisada anteriormente sua origem na tradição judaica. Muitos teólogos afirmam ser na tradição judaica o lugar onde deveria situar-se a pesquisa sobre a gênese da liturgia cristã. Num primeiro momento a pesquisa sobre a origem da teologia do Domingo pouco considerou o influxo teológico do *Shabbat*. Com os estudos cada vez mais especializados, verificam-se que há uma continuidade na descontinuidade em relação à teologia do *Shabbat* (dia sagrado judaico) na teologia do Domingo. Esta continuidade pode ser verificada no acento teológico que o Domingo na teologia neotestamentária recebe da teologia do dia sagrado dos judeus: dia

¹ PORTO, H. *Liturgia judaica e liturgia cristã*. São Paulo: Paulinas, 1977, p. 292.

de repouso e dia do culto que se presta a Deus. A descontinuidade está relacionada ao evento fundante da teologia neotestamentária do Domingo que é a Páscoa de Cristo, contudo, mesmo numa certa descontinuidade a teologia do Domingo encontra seu fundamento último na própria Páscoa judaica.

O presente capítulo busca num primeiro momento investigar a teologia do Domingo, tendo como pano de fundo o mundo bíblico-judaico da primeira aliança, no intuito de apresentar o sentido teológico que o *Shabbat* tinha no judaísmo, para só então passar a investigar o sentido teológico do Domingo no Novo Testamento. O intento é apresentar a teologia do Domingo tendo diante dos olhos a questão: quais são as raízes teológicas prefigurativas do Dia do Senhor no *Shabbat*? Num segundo momento perquirir o sentido teológico do Domingo no Novo Testamento, tendo diante dos olhos o Domingo como dia da Páscoa em que as protocomunidades cristãs comemoravam a ressurreição de Jesus Cristo.

1. O Sábado na teologia veterotestamentária

Em Israel o dia sagrado dos judeus configura-se teologicamente como um dos fundamentos de toda sua estrutura teológica. Portanto, o sentido teológico do *Shabbat* tem fundamental importância para a compreensão da mensagem teológica do Antigo Testamento. A origem do dia de preceito judaico deve ser buscada no contexto histórico em que Israel foi privado do descanso e do culto. Segundo L. Brandolini:

A semana dos judeus começa com o sábado e leva ao dia seguinte. A teologia do sábado hebraico tem o seu fundamento (ou melhor: o seu ponto de referência) no livro do Gênesis, onde Deus descansa, depois de concluir a obra da criação. O sábado, porém, é uma das instituições cuja proveniência do ambiente mesopotâmico hoje em dia aparece certa e que a cultura hebraica deu sua interpretação própria, nela introduzido conteúdos originais. O que mais impressiona quem percorre a tradição bíblica, e, portanto o que melhor caracteriza o sábado, é o repouso absoluto (Ex. 16, 29-30; 23,12;

34,21). Deduzimos isto da própria etimologia do termo *Shabbat* que quer dizer “cessar”, “repousar”.²

No livro do Gênesis encontra-se duas narrativas da criação: a primeira Gn 1,1-2 – 2,4a e a segunda Gn 2,4b-24. No primeiro relato está presente a teologia do *Shabbat*. O hagiógrafo afirma que Deus criou o mundo a partir da categoria de dias, perfazendo o setenário da criação, no qual Deus, ao criar o mundo e o homem, descansou no sétimo dia. Conforme o relato sacerdotal: “Deus concluiu no sexto dia a obra que fizera e no sétimo descansou, depois de toda obra que fizera. Deus abençoou o sétimo dia e o santificou, pois nele descansou depois de toda sua obra de criação” (Gn 2,2).

O relato sacerdotal enfatiza que o sétimo dia é dia de descanso, a partir do antropomorfismo, pois o hagiógrafo aplica a Deus a necessidade de descansar após seis dias de trabalho. Isto em vista de acentuar o sentido antropológico do descanso, pois, se até Deus, após seis dias de trabalho repousou, muito mais o homem necessita recuperar suas forças.

O relato sacerdotal enfatiza a necessidade de descansar no sétimo dia. L. Brandolini afirma:

Parece até já certo que o relato tenha sido concebido e escrito para incutir e motivar entre os hebreus a necessidade do repouso semanal. Como o homem imitava com seu trabalho a obra criadora de Deus, também devia imitar o seu repouso: quanto mais Israel, que se tornara, graças à eleição divina, o ‘filho’ de Deus. Esta lei acabará por se tornar bastante pesada, sobretudo nos tempos do Exílio Babilônico, por caudas das prescrições e das determinações detalhadas e asfiantes inculcadas pelo legalismo que imperava.³

O autor afirma que o sétimo dia foi dia de descanso que Deus o abençoou e o santificou, tornando-o um dia sagrado para a espiritualidade judaica. Assim, o sétimo dia recebe um nome especial de *Shabbat*.

² SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. (Orgs.). *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulus, 1992, p. 309-310.

³ BRANDOLINI, L. *Ministeri e servizi nella Chiesa di oggi*. Roma: CLV/Edizioni Liturgiche, 1992, p. 310.

A palavra Sábado (*Shabbat*) significa *descanso, cessação* ou *interrupção* e é o sétimo dia da semana dedicado à oração e ao descanso, relembrando o sétimo dia original da semana no qual *Deus* descansou após os seis dias da *Criação* do Universo (Gn 2,1-3), que culminou com a criação do homem. Depois disto do dia de sábado que também santificou, tendo prescrita sua guarda no quarto mandamento da Lei, como relatado em Ex 20.

O sétimo dia da semana era um dia em que o trabalho se tornava como algo proibido. A fundamentação teológica que torna o sétimo dia o *Shabbat* pode ser apresentado das seguintes perícopes bíblicas:

No versículo de Ex 23,12, no qual se encontra o Código da Aliança: “Durante seis dias farás os teus trabalhos e no sétimo descansarás, para que descanse o teu boi e o teu jumento, e tome alento o filho da tua serva e o estrangeiro”. Podemos observar que autor sagrado não só coloca o sentido do descanso do homem, mas amplia o repouso para toda a criação. Assim, toda criatura encontra repouso no criador, como os animais. O sentido do repouso era tão observado que o estrangeiro estando em Israel estava convidado a coparticipar do descanso Sabático, assim como os servos que trabalhavam para os filhos de Israel eram convidados a mergulhar neste mesmo repouso.

Na perícope de Dt 5,12-15, encontra-se o Decálogo que assim expressa:

Que se guarde o dia do sábado, considerando-o sagrado, conforme o Senhor, teu Deus, te ordenou. Trabalharás durante seis dias, fazendo todo o teu trabalho, mas no sétimo dia é sábado do Senhor, teu Deus. Não farás trabalho algum, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem teu servo, nem tua serva, nem teu boi, nem teu jumento, nem algum de teus animais, nem o migrante que está em tuas cidades, a fim de que o teu servo e tua serva repousem como tu. Tu te lembrarás de que, na terra do Egito eras escravo e que o Senhor, teu Deus, te fez sair de lá com mão forte e braço estendido. Eis por que o Senhor, teu Deus, te ordenou guardar o dia de sábado (Dt 5,12-15).

A ação salvadora de Deus na história de Israel, de modo especial na saída do Egito, é para o israelita normativa de seu próprio comportamento enquanto judeu, como o é, no caso da guarda do descanso por ser um dia santificado e abençoado pelo descanso de Deus. Assim, a

perícopes do Deuterônômio como que especifica detalhando o *modus* de agir no *Shabbat*, a ponto de afirmar que o descanso é para o migrante, os servos e até os animais. Outro dado revelado na perícopes é que o descanso é ordenado pelo Senhor: “que se guarde o dia de sábado, considerando-o sagrado, conforme o Senhor, teu Deus, te ordenou”. O texto também assinala que a perícopes deuteronômica enfatiza o descanso independente do gênero: o descanso sagrado é para o “filho e a filha, o servo e a serva”. E por fim, fundamenta o descanso sabático na Páscoa de Israel ao sair da escravidão do Egito.

A teologia do *Shabbat* encontra na perícopes de Dt 5,12-15 o acento cúltil deste dia, pois torna-se para Israel o dia de rememorar a Páscoa de Israel, fazendo memória do êxodo do Egito, ainda que o acento cultural do *Shabbat* não fique tão bem explícito nos textos de Ex 20,10s e Gn 2,1. Os mesmos colocam o sábado como dia da conclusão da criação. Contudo, ambas as interpretações, ou seja, a de que o *Shabbat* evoca a Páscoa de Israel e a que evoca a criação, se fundem na ideia de que o Deus de Israel é criador e libertador.

Para A. Bergamini:

O sábado também é considerado como o dia que celebra a libertação pascal do Êxodo; em fim, além do ano e da semana, também no dia conquista no judaísmo uma referencia particular à Páscoa porque se caracteriza pela oferta de um sacrifício cotidiano – o “sacrifício perpétuo” – entendido como memorial do maior dia da história da salvação Nm 28,6.⁴

Esta imagem teológica de Deus como criador e salvador mostra o sentido da aliança que Deus estabelece com Israel. Assim, ao criar o ser humano, Deus desejava fazer aliança, mas, elege Israel com a vocação de apresentar a todos os povos que como homens criados, são chamados a aliança com Deus. Israel se torna, assim, sacramento da aliança entre Deus e o povo, entendido como gênero humano.

Segundo M. Augé:

⁴ BERGAMINI, A. *Cristo festa da Igreja. O Ano Litúrgico*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 54-55.

Na longa tradição do povo de Israel, porém, a celebração do Sábado sempre foi enriquecida por uma teologia muito densa e muito impregnada pela Aliança: sinal comunitário e familiar das promessas divinas messiânicas, permite a cada um dos membros desse povo viver a experiência da unicidade da própria fé, sendo fundamentalmente o memorial do Deus criador, que descansa no sétimo dia (Ex 20,11), e do Deus libertador da escravidão do Egito Dt 5,15.⁵

Em suma, no tocante à teologia veterotestamentária do *Shabbat*, encontra-se o seu sentido mais profundo como dia de fazer memória do Deus que cria e salva o povo, em vista de estabelecer aliança. Assim, o *Shabbat* indica um duplo movimento: no primeiro movimento descendente recorda que Deus criou, salvou, elegeu e fez aliança com seu povo. Portanto, intervém salvificamente na história humana. Num segundo movimento, ascendente, pois, o israelita ao celebrar o dia do sagrado se recorda de que deve responder a ação salvadora de Deus através do louvor (*berakah*). Por isto o homem deve descansar não um descanso pelo ócio, mas como dia que não se trabalha para dedicá-lo integralmente a Deus.

2. O Domingo na teologia neotestamentária

Depois do Sábado, ao amanhecer do primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro [...]. Então o anjo disse às mulheres: ‘não tenhais medo! Sei que procuras Jesus, que foi crucificado. Ele não está aqui! Ressuscitou, como havia dito! Vinde ver o lugar onde Ele estava. Ide depressa contar aos discípulos que Ele ressuscitou dos mortos, e que vai a vossa frente para a Galileia (Mt 28,1-8).

A perícopete mateana apresenta o dia, no qual Cristo ressuscitou dentre os mortos; este dia tornou-se para os cristãos um dia especial, pois a comunidade protocristã começa a celebrá-lo como dia pascal por excelência, fazendo memória da ressurreição de Cristo. O Domingo é,

⁵ AUGÉ, M. *Liturgia; história, celebração, teologia e espiritualidade*. São Paulo: Ave Maria, 2004, p. 31.

ao mesmo tempo, o primeiro e o último dia da semana, marcando-o com uma teologia específica, pois o torna, para os cristãos, um dia que ultrapassa os demais dias, um dia sem ocaso, prefigurando o descanso em Deus que se abre para aquilo que o cristão espera viver. As proto-comunidades cristãs viveram o dia do Domingo de forma intensa, pois penetraram em profundidade no mistério da ressurreição. O primeiro dia da semana, como expressam os sinóticos, Mt 28,1; Lc 24,1 e Mc 16,2, enquanto o evangelho de João denomina o dia da ressurreição com a expressão oito dias depois (Jo 21,26). Para os cristãos, por causa da ressurreição de Cristo, o Domingo se torna dia santo e abençoado no qual os cristãos o vivem de repouso na esperança da ressurreição.

O Domingo se tornou a partir da teologia neotestamentária um dia de descanso, em vista do culto doxológico ao Pai que pela força do Espírito Santo ressuscitou o Filho. As três perícopes neotestamentárias que aludem o Domingo como dia específico de culto são: 1Cor 16,1-2; At 20,7-12 e Ap 1,9-10. Na perícopa paulina de 1Cor 16,1-2, o autor propõe a comunidade de Jerusalém uma coleta e especifica que a mesma será feita no “primeiro dia da semana”. Segundo M. Augé o texto ainda não fala explicitamente de uma assembleia cúltica, a coleta é denominada por Paulo como uma *leitourgía*, ou seja, um serviço-obra sagrada. Já no texto de At 20,7-12 Lucas afirma: “no primeiro dia da semana, estando nós reunidos para a fração do pão” [...], ao utilizar o termo “fração do pão”, o autor revela que a celebração eucarística desde o período apostólico era celebrado no Domingo (primeiro dia da semana), como atestam: 1Cor 10,16 e At 2,42-46. A perícopa de At 20,7-12, revela o caráter eucarístico da assembleia no primeiro dia da semana. Por fim, o texto joanino de Ap 1,9-10, é o único texto neotestamentário no qual o “primeiro dia da semana” é chamado de “dia do Senhor” (*kyriaké hemera*). O autor do apocalipse ao adjetivar o “primeiro dia semana” com a expressão *kyriaké*, dá origem ao nome cristão de o Domingo *domenica dies*. Assim, o “primeiro dia da semana” se torna o dia do Senhor, dia do *Kyrios*, Jesus Cristo é o Senhor, pois, foi exaltado como Messias e filho de Deus pelo Pai, no Espírito Santo, na ressurreição. O adjetivo *Kyriaké* faz referência ao *Kyrios*, o Senhor ressuscitado e exaltado como Messias e Filho de Deus pelo Pai na ressurreição (At 2,36; 1Cor 12,3 e Fl 2,9-11).

Os sinóticos indicam o dia da ressurreição do Senhor e de suas aparições no “primeiro dia da semana”, como atestam as perícopes Mc 16,9-14; Lc 24,13 e Jo 20,26. Segundo Marcos a aparição do ressuscitado aos discípulos acontece no Domingo:

Ora, tendo ressuscitado na madrugada do primeiro dia da semana, ele apareceu primeiro a Maria Magdala, de quem havia expulsado sete demônios [...]. Depois disso, ele se manifestou de outra forma a dois deles, enquanto caminhavam para o campo [...]. Finalmente ele se manifestou aos Onze, quando estavam à mesa, e censurou-lhes a incredulidade e a dureza de coração, porque não haviam dado crédito aos que o tinham visto o ressuscitado (Mc 16,9-14).

A perícopo de Marcos revela o itinerário que demarca as aparições do ressuscitado num mesmo dia, pois primeiro aparece a Maria de Magdala, depois a dois discípulos e, por fim, aos Onze, enquanto ceavam. Nota-se que as aparições narradas pelo evangelista Marcos acontecem no primeiro dia da semana, ou seja, no Domingo. O evangelho de Lucas no capítulo 24,13 afirma: “Eis que dois deles viajavam neste mesmo dia” [...], ressalta-se que a expressão “mesmo dia” do versículo 13, refere-se ao “primeiro dia da semana” do versículo 1. Portanto, Lucas coloca a aparição do ressuscitado aos discípulos de Emaús no Domingo. Por fim, o evangelho joanino apresenta a aparição de Jesus ressuscitado a Tomé: “oito dias depois, achavam os discípulos de novo, dentro de casa, e Tomé com eles” (Jo 20,26), a expressão “oito dias depois” refere-se ao “primeiro dia da semana” do versículo 1 do mesmo capítulo.

Além das aparições do ressuscitado – segundo as narrativas neotestamentárias – que ocorrem no “primeiro dia da semana” como dia teológico, no qual se apresentam as aparições do ressuscitado no Domingo, a vinda do Espírito Santo também é colocada neste dia. O Pentecostes joanino é posto no Domingo, conforme: “À tarde deste mesmo dia, o primeiro da semana [...]. Soprou sobre eles e lhes disse: ‘recebi o Espírito Santo’” (Jo 20,19-22). O Domingo como dia da ressurreição, é também pentecostal. Isto é uma particularidade da narrativa joanina. É importante também ressaltar que os Atos dos Apóstolos ao narrarem a vinda do Espírito Santo em línguas de fogo não cita que o evento ocorreu no Domingo.

O Domingo segundo as narrativas neotestamentárias fundamentam a prática da comunidade cristã primitiva de se reunir em assembleia para escutar a Palavra e repartir o Pão consagrado. Neste dia santo a comunidade cristã faz memória pascal de Jesus Cristo, celebrando a ressurreição, como dia festivo, no qual transparece a teologia do *Shabbat*, revelando o duplo sentido que o sábado tem para o judaísmo: descanso (dimensão antropológica) e culto a Deus (dimensão teológica). Nas origens do cristianismo, a relação entre o *Shabbat* e o Domingo é uma questão bastante complexa, visto que o próprio Cristo – segundo algumas narrativas evangélicas – resignificou o *Shabbat* no seu sentido mais verdadeiro. O judaísmo tardio interpretava o *Shabbat* num sentido estritamente legalista, tornando-o um dia de rigorosa observância. No tempo de Jesus, no *Shabbat* proibia-se: curar enfermos (Mc 3,2; Lc 13,14), transportar um leito (Jo 5,10), percorrer longas distâncias (At 1,12), colher espigas (Mt 12,2). Diante do rigorismo na observância do *Shabbat*, Jesus investe contra tal interpretação demasiadamente rigorosa dos escribas, saduceus e fariseus, o que gerou um conflito entre a interpretação do *Shabbat* por parte de Jesus e de alguns grupos judaicos, como atestam os escritos neotestamentários: Mt 12,10-14; Lc 13,10-17; 14,1-6; Jo 5,8-18.

Os relatos supracitados refletem a situação histórica na qual Jesus estava inserido. O ambiente judaico de sua época que interpretava o *Shabbat* em seu aspecto de rigor, e conservavam as polêmicas entre os grupos que possuíam tal interpretação do *Shabbat* e Jesus Cristo, bem como a *posteriori*, os cristãos. Para a exemplificação do conflito entre duas distintas interpretações do *Shabbat* apresenta-se a cena descrita em Mc 2,27-28: “O sábado foi feito para o homem, e não o homem para o sábado, de modo que o Filho do Homem é Senhor até do sábado”. Esta afirmação de Marcos revela a polêmica entre Jesus e alguns grupos judaicos, levando Jesus a se declarar “Senhor do sábado” e a redimensionar o sentido antropológico do *Shabbat*, colocando-o a serviço do homem. Contudo, faz necessário afirmar que Jesus não buscava abolir o sábado, mas vivê-lo como dia de descanso do homem e ação de graças a Deus por ser o seu criador-libertador. Jesus na perícopes de Mt 5,17 afirma: “Não penseis que vim revogar a Lei ou os profetas. Não vim revogá-los, mas dar-lhes pleno cumprimento”. O

texto mateano revela que Jesus não veio revogar a Torá, mas dar-lhe uma interpretação plena, pois Jesus é o verdadeiro rabino de Israel, que interpreta a Lei de forma plena. Revelando que o Messias não veio destruir a economia antiga, mas também, não veio consagrá-la como intocável, mas dar-lhe, pelo seu ensinamento, sua forma definitiva.

No parecer de H. Porto:

Sustentava o princípio de que esta instituição (*Shabbat*) devia ser para o homem um meio para mais facilmente atingir o fim, e não um fim em si. Esteado no fato de que se tratava de uma lei positiva em função da felicidade do homem, avançou a conclusão da sua capacidade de aboli-la (Mc 2,28). E ele o fez declarando ser o Filho do homem senhor do *Shabbat*. Nisso baseou-se a Igreja para abandonar pouco a pouco a sua observância.⁶

Diante da observação feita por H. Porto fica notório o conflito existente entre Jesus e alguns grupos judaicos em relação à interpretação teológica do *Shabbat*.

Uma questão se impõe: qual a ligação que existe entre o *Shabbat* e o Domingo? Na busca de responder a questão posta faz-se necessário afirmar primeiramente a descontinuidade entre o sábado e Domingo. O *Shabbat* encerra a semana, enquanto que o Domingo cristão abre a semana inaugurando-a como *semana nova*, ou seja, o Domingo possui uma dimensão escatológica intrínseca, expressa na teologia do Domingo como Oitavo dia. Mas a continuidade teológica entre o *Shabbat* e o Domingo é muito mais forte e marcante, uma continuidade na descontinuidade, pois Jesus Cristo como o “Senhor do sábado” (Mc 2,28) é o verdadeiro *raboni* de Israel e realiza a plenificação do *Shabbat*. Podemos afirmar, portanto, que o sábado era para Israel dia santo em memória da criação e da libertação do Egito realizadas por Deus em favor do seu povo e o Domingo para o cristão também é dia santificado, no qual se faz memória da *nova criação* realizada por Cristo e da libertação do jugo do pecado e de seu salário, a morte eterna.

Em Jo 20,19-23 Jesus, na tarde da ressurreição, ou seja, no Domingo, transmite o Espírito Santo para o exercício da missão de

⁶ PORTO, H. *Liturgia judaica e liturgia cristã*. São Paulo: Paulinas, 1977, 293-294.

perdoar os pecados e retê-los. Assim, o Pai, a partir de Jesus, envia o Espírito Santo para perdoar os pecados, para realizar o Mistério Pascal: o ressuscitado aparece e sopra sobre os seus discípulos o Espírito Santo. É possível afirmar que na tarde da Páscoa acontece um Pentecostes antecipado à luz da teologia de João, que relata Jesus soprando sobre os discípulos: aqui entra em paralelismo – o mesmo que Deus fez na criação do mundo quando cria o homem. Assim João quer dizer que está acontecendo uma *re-criação* na humanidade: na tarde pascal aconteceu uma *verdadeira criação*. Em Gn 2,7 foi o esboço, a construção do homem acontece de forma plena no dia da Páscoa. Neste dia o próprio ressuscitado reproduz a primeira criação e com o Sopro recria o homem, pois até então o homem estava morto (Rm 8,11). O homem depois de ser criado por Deus, rompe a amizade com o criador no desenrolar da História da Salvação. Na tarde da Páscoa essa amizade é proposta novamente a cada vez que a assembleia litúrgica se reúne no Domingo para celebrar o Mistério Pascal.

No fim, pode-se afirmar que a tônica teológica do *Shabbat* e do Domingo é na verdade a mesma. Cristo plenifica o conteúdo teológico do *Shabbat* que era a memória celebrativa da criação e da libertação em seu Mistério Pascal, pois o ressuscitado recria um mundo novo e um novo homem liberto do pecado.

Por fim, pode-se afirmar com base na teologia neotestamentária que o Domingo é o dia no qual Jesus, passando da morte a vida, se tornou “o Senhor dos vivos e dos mortos” (Rm 14,9). Ninguém mais domina sobre Ele. Ele é o *Kyrios* (Fl 2,9-11). Por isso que o primeiro dia da semana agora é d’Ele, do Senhor, é Domingo. Mais que isso, segundo A. Bergamini, podemos até dizer que Domingo é Ele mesmo. Pois como vencedor das trevas do pecado e da morte, Ele agora é o Dia sem ocaço, o Primeiro Dia, o Senhor dos dias. O primeiro dia da semana agora é do Senhor, é *dies dominica*, porque, neste dia, Cristo vem como o Senhor dos dias.

3. O Domingo na teologia dos Santos Padres

A primitiva tradição patrística torna mais explícita, bem como desenvolve as indicações sobre o Domingo que se encontram nucleadas

na teologia neotestamentária. A mais antiga tradição testemunhada na *Didaqué* afirma que a celebração eucarística era realizada “no dia senhoral do Senhor” (*Didaqué*, 14,1). Segundo L. Brandolini, a *Didaqué*, numa forma muito expressiva, mas tautológica, chama o Domingo de dia do senhorio do Senhor (*katá kyriakén de kyróou*). No século III a *Didascália* afirma que no Domingo o cristão deveria deixar seus negócios temporais para poder acorrer às igrejas para, em assembleia, celebrar a memória pascal de Cristo, assim, afirma:

[...] sois membros de Cristo... com efeito. Já que tendes em Cristo o vosso chefe, segundo a sua promessa, presente e em comunhão convosco, não sejais negligentes e não priveis o salvador de seus membros, não dilacereis e não disperseis o seu corpo, e não coloqueis vossos negócios temporais acima da palavra de Deus, mas no dia de Domingo, deixando tudo de lado, acorrei com diligência às vossas igrejas. De fato, justificação poderá apresentar a Deus quem não comparece neste dia à assembleia para escutar a palavra de salvação e para nutrir-se [com o alimento divino que dura para sempre].⁷

A *Didascália* testemunha a primitiva consideração que o cristão deveria ter para com a assembleia dominical. Assim, em todos os Domingos desde Pentecostes, a Igreja nunca deixou de se reunir em assembleia para celebrar o Mistério Pascal. Ainda, a *Didascália* afirma que o cristão, ao celebrar no Domingo a memória de Cristo, produz a alegria, uma alegria que emana da boa nova da ressurreição: “o primeiro dia da semana deveis passá-lo todo na alegria; com efeito, torna-se culpado quem aflige sua alma no primeiro dia da semana” (*Didascália* V, 20). Para S. Marsili seria um erro deter-se somente na ressurreição de Cristo para qualificar o Domingo, ainda que a ressurreição tenha ocorrido no Domingo. Na realidade foi a celebração eucarística dominical que devolveia a presença de Cristo à assembleia. Portanto, o Domingo se torna memória pascal de Cristo porque a comunidade primitiva aos Domingos celebrava a eucaristia como memorial da ressurreição, conforme nos diz Eusébio de Cesareia: “Toda semana, no Domingo, dia do Senhor e do Salvador, nós celebramos a festa da

⁷ *Didascália*, II, 47,1 *apud* AUGÉ 2004, p. 48.

nossa Páscoa cumprindo os mistérios do Cordeiro [...]. Todo Domingo somos vivificados pelo sacrossanto corpo do Cordeiro Pascal e somos marcados na alma pelo seu venerando sangue”.⁸

Eusébio de Cesareia revela a prática da Igreja primitiva de celebrar a eucaristia como memória semanal da páscoa de Jesus Cristo, demonstrando que na constituição e na organização do ano litúrgico, primeiro se celebrava a páscoa semanal para só então celebrá-la anualmente de forma solene. Isto fica expresso pela utilização enfática dos termos *toda semana* e *todo Domingo*, que visibiliza o costume do período patrístico de celebrar o Domingo como dia de festa primordial. Assim, o Domingo alcança desde os primórdios cristãos um dia privilegiado na espiritualidade cristã.

No início das celebrações cristãs, a única festa era o Domingo. Segundo o testemunho de Justino a cada oito dias, no dia chamado do Sol, porque é o primeiro em que Deus, transformando as trevas em matéria, plasmou o mundo, e no qual Jesus Cristo, nosso salvador, ressuscitou dos mortos. São Justino testemunha que o Domingo era a celebração do Sol, cristianização da festa pagã do sol invicto. Assim, o Domingo é o dia do Sol, bem caracterizado pela perícopes de Lc 1,78-79: [...] “que sobre nós fará brilhar o Sol nascente, para iluminar a quantos jazem entre as trevas e na sombra da morte estão sentados”. Lucas, no cântico de Zacarias afirma que o Sol nascente viria visitar-nos. Este Sol nascente é Cristo que se encarnou para iluminar os que jazem nas trevas. Segundo a teologia joanina, Jesus se apresenta como “luz do mundo” ao afirmar: “Eu sou a luz do mundo, quem me segue não andarás em trevas, mas terá a luz da vida” (Jo 8,12).

Outro importante testemunho sobre o Domingo nos é apresentado por Santo Inácio de Antioquia, no qual acentua que o sábado foi abrogado por causa da celebração do Domingo. Assim afirma Inácio: “se, pois, aqueles que vivem segundo a antiga ordem de coisas se abriram a uma nova esperança, não mais celebrando o sábado, mas vivendo na observância do dia do Senhor (*kuriaken*), no qual também a nossa vida se elevou graças a ele e à sua morte”. Esse texto parece

⁸ EUSÉBIO DE CESARÉIA, *apud* AUGÉ, 2004, p. 115.

revelar algumas tentativas judaizantes ocorridas na comunidade de Magnésia, e que Santo Inácio de Antioquia opunha-se veementemente.

Mais emblemática é a carta de Plínio, o Jovem, escrita ao imperador Trajano que solicitou informações sobre as novas seitas. Nesta Plínio afirma que: “costumavam reunir-se num dia marcado antes do amanhecer e cantar um hino a Cristo como se fosse Deus... Depois costumam ir-se embora e de novo reunir-se para tomar alimento”. Esta carta de Plínio informa que as comunidades cristãs se reuniam aos Domingos antes do raiar o dia, como testemunha A. Adam.⁹ Sobre a situação do norte da África do terceiro século dão testemunhos Tertuliano e Cipriano. Tertuliano testemunha que a ab-rogação do preceito de celebrar o sábado, no norte da África, ainda não havia alcançado pleno êxito, assegurando que o culto era realizado em dia de sábado, mas o Domingo tinha primazia na experiência do culto cristão.

Para Tertuliano é dia da ressurreição, por isto, deveria ser santificado pela celebração da Páscoa. Em síntese, pode-se afirmar que o Domingo para Tertuliano possuía três características centrais, a saber: não se fazia jejum, era um dia de alegria e não se ajoelhava neste dia. Assim assevera: “Julgamos que não convém jejuar nem rezar de joelhos no dia do senhor”¹⁰ – nesta frase Tertuliano reitera que os cristãos reservavam a posição de estar de pé durante as celebrações somente nos Domingos. Faziam isso para testemunhar que o Domingo era o dia do Ressurreto (ἀνάστασις – anástasis), aquele que estava morto, agora esta de pé, como nosso *Pantokrator*, o todo poderoso.

O africano Cipriano utiliza a tradição neotestamentária do “oitavo dia”, que é santificado pelo evento da ressurreição de Cristo. Em sua teologia simbólica Cipriano estabelece uma relação entre a circuncisão judaica e a ressurreição de Cristo, pois ambos utilizam o oitavo dia como categoria teológica. Assim afirma Cipriano:

[...] pois pelo fato que também na circuncisão judaica carnal se observava o oitavo dia, o mistério foi preanunciado na sombra e na imagem, mas com a vinda de Cristo na verdade se cumpriu. Porque

⁹ ADAM, A. *O ano litúrgico: sua história e seu significado segundo a renovação litúrgica*. São Paulo: 1982, p. 40-41.

¹⁰ TERTULIANO, *apud* AUGÉ, 2004, p. 118.

no oitavo dia, a saber, o primeiro dia depois do sábado, o Senhor haveria de ressuscitar e vivificar-nos e dar-nos uma circuncisão espiritual, este oitavo dia, isto é, o primeiro depois do sábado, e dia do Senhor, precedeu na imagem.¹¹

Cipriano apresenta de forma alegórica a circuncisão judaica, que era feita no oitavo dia, como figura da ressurreição de Cristo que ocorre no oitavo dia. Para o autor, a circuncisão carnal é uma imagem da circuncisão espiritual, que é o Domingo. No mistério dominical o cristão experimenta o que outrora fora anunciado como sombra e imagem, mas que Cristo ressuscitado realiza ao ressuscitar no oitavo dia.

Outro Padre da Igreja que escreve no início do século III, Clemente de Alexandria, desenvolve a teologia do Domingo a partir da categoria teológica do livro do Gênesis que apresenta a criação da luz: do mesmo modo como todas as coisas na criação devem ser vistas na luz do primeiro dia, agora todas as coisas que fazem parte da “nova criação” devem ser contempladas na luz do divino Espírito Santo. Clemente afirma isso dizendo que

O sétimo dia é proclamado, pois, dia de repouso; na abstenção de todo mal prepara o dia originário, o nosso verdadeiro repouso, que é realmente origem da luz, na qual todas as coisas são contempladas e todas as coisas são possuídas em herança. Deste dia se irradiam a sabedoria e o conhecimento. Já que a luz da verdade é verdadeira luz sem sombra, é o Espírito do Senhor que é participado indivisivelmente aos que são santificados pela fé e tem a função de uma luz que clareia o conhecimento da realidade.¹²

Clemente de Alexandria interpreta o relato da criação na escritura colocando o acento dominical no repouso que possibilita a contemplação de todas as coisas criadas. Assim, o cristão no Domingo é convidado a contemplar a obra crística de recriação da natureza, recriação do cosmos e do homem.

Ainda buscando na teologia dos Santos Padres o modo como as protoc comunidades cristãs compreendiam e vivenciavam o mistério do

¹¹ CIPRIANO, *apud* AUGÉ, 2004, p. 117.

¹² CLEMENTE DE ALEXANDRIA, *apud* AUGÉ, 2000, p. 112.

Domingo, nos deparamos com o testemunho de Orígenes que apresenta uma analogia entre o Maná e o Domingo. Para Orígenes o Maná que era recolhido durante seis dias e cessava no sétimo, ou seja, no sábado, voltava a ser recolhido no primeiro dia da semana pelo povo do Antigo Testamento. Assim, em todos os Domingos na assembleia, embora de forma espiritual, o Novo Israel, que é a Igreja, recolhe o Maná da Palavra e da Eucaristia que é oferecido como dom pascal.

Das Escrituras divinas decorre claramente que o maná foi oferecido no dia de Domingo. Com efeito, se, como diz a Escritura, o mana era recolhido durante seis dias e cessava no sétimo dia, que é sábado, não há dúvida que teve origem no primeiro dia, isto é, no Domingo. Ora... segundo as divinas Escrituras é sabido que no dia de Domingo Deus fez chover o maná, ao passo que no sábado ele cessou...No nosso dia de Domingo, porém, o Senhor sempre faz cair do céu o maná.¹³

Por fim, o testemunho de Hipólito de Roma revela a consolidação do Domingo como celebração da memória de Cristo na Igreja de Roma. Em sua obra *Traditio Apostolica* apresenta como característica da liturgia romana a centralidade do Domingo. Isto é, testemunhado por Hipólito ao descrever que a iniciação cristã era celebrada no Domingo, bem como a ordenação episcopal tinha neste dia santo sua expressão teológica. Hipólito ressalta o ritual de eleição e consagração dos bispos, que deve ser eleito por todo o povo (*Episcopus ordinetur electus ab omni populo*), e consagrado num Domingo (*die dominica*).

Em suma, é possível sintetizar, ainda que laconicamente, a teologia patrística acerca do Domingo da seguinte forma: o Domingo é o dia em que a assembleia cristã se reúne (Inácio, Justino e Tertuliano); é um dia em que o cristão vivencia o ócio para poder reunir-se em assembleia (Tertuliano, *Didascália*); dia para contemplar a criação (Justino e Clemente) e é o primeiro dia da nova criação (Justino, Cipriano e Orígenes); é dia de pentecostes (Hipólito); é dia para celebrar a iniciação cristã, bem como para a ordenação episcopal (Hipólito). Como síntese da teologia do Domingo à luz dos Padres da Igreja

¹³ ORÍGENES, *apud* AUGÉ 2004, p. 96.

corroborar-se tudo aquilo que já foi dito a partir do testemunho dos cristãos da cidade de Abitíne no norte da África que no século quarto, a despeito das ameaças de morte e dolorosos flagelos, afirmavam: “Não podemos viver sem o *dominicum* (a ceia dominical do Senhor)”.

4. Considerações finais

O Concílio Ecumênico Vaticano II constituiu uma dádiva do Espírito à sua Igreja, e é por este motivo que permanece como um evento fundamental não só para compreender a história da Igreja no fim do século, mas também, e, sobretudo, para verificar a presença permanente do Ressuscitado ao lado da Igreja que não cessa de prestar culto ao Pai. Por meio do Concílio, o Espírito Santo tem renovado os prodígios de um novo Pentecostes para toda Igreja. Com muita razão o Vaticano II pôde ser qualificado com um Concílio do Espírito Santo. Ele foi do ponto positivo uma reviravolta, foi uma volta às fontes da nossa fé e a consequência foi uma abertura para com mundo, com a atenção voltada para os grandes problemas da humanidade.

A Igreja estava preocupada em como dar melhor expressão ao que se pensa de si mesma. De modo que se por um lado, com o passar da história da igreja, o tema do Domingo foi velado, a reforma conciliar com o desejo de voltar às fontes da fé vai nos desvelar e nos levar a compreender a riqueza de saber como os nossos primeiros pais na fé viviam a experiência de celebrar o Dia do Senhor.

O presente trabalho pesquisou a teologia do Dia do Senhor: celebração semanal da Páscoa, e no hoje a celebração da ressurreição de Cristo que a Igreja celebra reunida semanalmente, fato que constitui o centro do seu Mistério Pascal. Nesse dia, os fiéis se reúnem para ouvir a Palavra de Deus e participar da Eucaristia, dando graças a Deus. Desde tempos antiquíssimos, com origem na tradição judaica, passando pela Sagrada Escritura e lendo os escritos patrísticos, concluo que os cristãos desde a era Apostólica reconhecem o Dia do Senhor como dia por excelência do culto a Deus e dia do descanso.

Trabalhou-se os aspectos sócio-antropológico do Domingo. É a proposta de apresentar o Domingo como dia de glorificação de Deus, porém o homem pós-moderno não encontra espaço para prestar culto

ao Senhor e também não descansar uma vez, pois, que o Domingo está alicerçado sob a teologia do repouso, da pausa que restaura o homem do cansaço do dia a dia. Assim, conclui-se que o Dia do Senhor deve incutir na assembleia dominical uma espiritualidade pascal, que leva o homem a se redimir cada vez mais na Páscoa de Cristo, sobretudo quando participa do culto dominical. Sendo assim, semanalmente, o batizado, principal agente da assembleia dominical, vai configurando-se ao Cristo ressuscitado até o pleno e definitivo Dia do Senhor, ou seja, a páscoa escatológica.

O último capítulo, foi feita uma proposta prática-pastoral, fruto do Concílio Vaticano II, que ocupou-se com a linha pastoral da Igreja, vindo como tema a Pastoral do Domingo. Infelizmente o Dia do Senhor está se transformando como o dia de fazer tudo: infelizmente as famílias reservam um tempo para tudo, até mesmo para o descanso, mas esquecem de santificar o Dia que o Senhor fez para nós e não se dirigem a Igreja para celebrar o culto ao Senhor.

Este grande momento vivido hoje por todos os católicos, onde celebramos o Ano da Fé e os 50 anos do Concílio Vaticano II, poderia ser uma ocasião propícia para compreendermos os textos deixados como herança pelos Padres Conciliares. É necessário conhecermos esta riqueza e aceitarmos como textos qualificados do Magistério da Igreja. Na ótica do SC 106 devemos olhar com novo valor o Domingo, como *Dia que o Senhor fez para nós* (Sl 117,24), especialmente o ponto alto deste dia, ou seja, à participação na liturgia dominical, celebrar em comunidade o “dia primordial” da semana (SC 106).

Por fim, existe uma famosa frase do povo simples que diz: “Domingo sem missa é semana sem graça”! A participação na missa dominical alimenta e desenvolve o senso da comunhão eclesial, de pertença e de identificação como e com a Igreja. Quem nunca vai à Eucaristia Dominical terá certamente dificuldades para se sentir concretamente identificado com a Igreja e de acompanhar seus passos. A celebração dominical em comunidade é condição para viver como Jesus Cristo, é a visibilidade de que somos os membros da Igreja, sem isso é difícil, e até impossível, manter a fé e cultivar a vinculação com a Igreja. E isto não corresponde a nossa vocação batismal.

Referências bibliográficas

- ADAM, A. *O ano litúrgico: sua história e seu significado segundo a renovação litúrgica*. São Paulo: 1982.
- AUGÉ, M. *Liturgia; história, celebração, teologia e espiritualidade*. São Paulo: Ave Maria, 2004.
- BASURKO, X. *Para Viver o Domingo*. São Paulo: Paulinas, 1999.
- BRANDOLINI, L. *Ministeri e servizi nella Chiesa di oggi*. Roma: CLV/ Edizioni Liturgiche, 1992.
- BECKHÄUSER, A. *Celebrar a Vida Cristã*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- BERGAMINI, A. *Cristo festa da Igreja. O Ano Litúrgico*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- CASEL, O. *O Mistério do Culto no Cristianismo*. 2. ed. Edições Loyola: Vozes, 2001.
- CORBON, J. *Liturgia de Fonte*. São Paulo: Paulinas, 1981.
- GIRAUDO, C. *Num só Corpo: Tratado Mistagógico sobre a Eucaristia*. São Paulo: Loyola, 2003.
- _____. *Redescobrimo a Eucaristia*. São Paulo: Loyola, 2005.
- GUEDES, J. A. *Domingo: Nascimento de uma nova criação*. 2. Ed. São Paulo: Ave Maria, 2011.
- PORTO, H. *Liturgia judaica e liturgia cristã*. São Paulo: Paulinas, 1977.
- RYAN, V. *O Domingo: História, Espiritualidade, Celebração*. São Paulo: Paulus, 1997.
- SANTI, C. *Liturgia Judaica*. São Paulo: Paulus, 2004.
- SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. (Orgs.). *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulus, 1992.
- SERRANO, V. *A Páscoa de Jesus em seu Tempo e Hoje*. São Paulo: Paulinas, 1998.
- SILVA J. A. *Domingo: Páscoa semanal dos cristãos*. São Paulo: Paulus, 1998.